

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3



TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2020

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3



TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Tallys Newton Fernandes de Matos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: compreensão teórica e intervenção prática 3 /
Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-463-4
DOI 10.22533/at.ed.634200710

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A família é responsável pela sobrevivência física e psíquica das crianças, ocupando o papel mais importante na vida de uma pessoa. Dela constitui-se o primeiro grupo de mediação do indivíduo com a sociedade, proporcionando os primeiros aprendizados, hábitos, costumes e educação. Antes de nascer a criança já ocupa um lugar na família e no seu meio social, são introduzidos desejos e expectativas pela sua espera que poderão fomentar hábitos futuros. É com os pais que as crianças encontram padrões de comportamento para a vida adulta, sejam estas características positivas ou negativas. Ou seja, os pais são os primeiros modelos do ser homem ou ser mulher, através de padrões de conduta, hábitos, valores, cultura e outros.

A primeira educação é muito importante na formação da pessoa, sendo esse o período em que estrutura a personalidade do sujeito. Podemos destacar diferentes autores que salientam tal pensamento, como Freud, Piaget, Vygotsky e Wallon, dentre outros. Neste sentido, existem experiências que podem marcar a vida da criança, podendo acarretar consequências na vida adulta.

Tais consequências, sejam positivas ou negativas, impactam diretamente no desenvolvimento do ser humano, possibilitando saúde, doença ou sofrimento. Quando tratamos de saúde, considera-se seu aspecto positivo para o desenvolvimento do ser humano. Porém, ao tratar de sofrimento e doença temos uma demanda que pode prejudicar o desenvolvimento do ser humano. Para tanto, são necessários modelos interventivos que venham a possibilitar a reconfiguração deste cenário.

Um destes modelos é a educação, com diversos segmentos e áreas de atuação, como medida interventiva que envolve diferentes profissionais. Nisto, a educação torna-se uma prática social humanizadora e intencional, cuja finalidade é transmitir conhecimento e cultura construída historicamente pela humanidade. Ou seja, o homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e a educação é o instrumento que possibilita a resolução destas necessidades sociais frente as demandas de ensino e aprendizagem.

É importante destacar que o contexto da educação envolve “condições, organizações e relações” que estão em dinâmica e mudança constante. Um exemplo disso no contexto estudantil são as dificuldades de aprendizagem, transtornos de conduta, transtornos emocionais, fracasso escolar e altas habilidades. Já no contexto docente temos variáveis como: condições de trabalho; estresse; exaustão; ansiedade; *burnout* e o mal-estar. Frente a esta situação, tornam-se importantes as medidas avaliativas que possibilitem modelos de atuação como estratégias de intervenção de demandas neste cenário.

De acordo com o discurso anterior, a obra “*Psicologia: Compreensão Teórica e Intervenção Prática 3*” explora estudos direcionados à “família, infância, educação, avaliação, diagnóstico e intervenção, atuação profissional e mal-estar”.

Os tipos de estudos explorados nesta obra foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, revisão sistemática, estudo descritivo, revisão integrativa, estudo de caso, grupo focal, estudo reflexivo, pesquisa experimental, pesquisa exploratória e pesquisa histórico-cultural. É importante ressaltar nesta obra a riqueza e a pluralidade dos estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino superior no contexto nacional.

Por fim, sabemos a importância da construção e reconstrução do conhecimento através da produção científica em benefício do desenvolvimento social. Portanto, saliento que a Atena Editora oferece uma plataforma consolidada e confiável, sendo referência nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DA ANOREXIA NERVOSA

Ana Karoline de Souza Pereira

Paula Lins Khoury

DOI 10.22533/at.ed.6342007101

CAPÍTULO 2..... 13

PSICOLOGIA, PSICANÁLISE E DIREITO: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALIENAÇÃO PARENTAL

Antonio Elieser Sousa Alencar

Caroline Godinho dos Anjos

Igor Boito Teixeira

Letícia Amanda Zank

Luísa de Oliveira Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6342007102

CAPÍTULO 3..... 23

REPRESENTAÇÕES SOBRE INFÂNCIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO XX, NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira

Ana Carolina Freitas Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.6342007103

CAPÍTULO 4..... 35

EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Perpétua Thaís de Lima Feitosa Quental

Álvaro Jorge Madeiro Leite

Antonia Kaliny Oliveira de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.6342007104

CAPÍTULO 5..... 46

SINTOMAS DE ESTRESSE E PRESENÇA DE PROBLEMAS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS COM QUEIXAS DE DESATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Paula Racca Segamarchi

Claudete Veiga de Lima

Lara Caldas Medeiros de Sá Zandoná d Almeida

Lilian Meibach Brandoles de Matos

Marina Monzani da Rocha

DOI 10.22533/at.ed.6342007105

CAPÍTULO 6..... 62

A PSICOMOTRICIDADE DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Isabella Ester Felix

Daiane Letícia Boiago

Juliana Orsini da Silva

CAPÍTULO 7..... 74

CRIANÇAS CARDIOPATAS EM PERÍODO PANDÊMICO DO COVID-19/ SARS-COV-2 (NOVO CORONAVÍRUS) NO QUE TANGE O ASPECTO PSICOLÓGICO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Maria Caroline Galiza de Moraes
Bianca Gonçalves Wanderley
Laila Queiroga Lucena
Luana Mesquita Montenegro
Marcus Winicius Mendes Formiga
Maria Izadora Soares Oliveira de Carvalho
Nathalie Félix Soares Arruda
Wellington Onias Alves Filho
Alisson Cleiton Cunha Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.6342007107

CAPÍTULO 8..... 84

TENDÊNCIAS DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE OS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL NO BRASIL: ESTADO DA ARTE

Claudete Veiga de Lima
Cristiane Silvestre de Paula
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira
Leni Porto Costa Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.6342007108

CAPÍTULO 9..... 105

PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ABORDAGEM NA IMAGINAÇÃO E LINGUAGEM

Amanda Moreira da Veiga
Quellen Potter Regason
Suélen Rocha Centena Pizarro
Luíze Fagundes Ávila Rodrigues
Rosane Paz Souza
Lenise Álvares Collares Nogueira
Andréia Quadros Rosa
Adriane Griebeler
Lisandra Silva Lucas

DOI 10.22533/at.ed.6342007109

CAPÍTULO 10..... 118

EM ALGUM LUGAR ALÉM DO ARCO ÍRIS: A FANTASIA DE DOROTHY EM “O MÁGICO DE OZ” COMO DISPOSITIVO DE SUPERAÇÃO DOS LUTOS INFANTIS

Helen de Paula Almeida Abreu
Kadu Freitas Tavares Cordeiro
Arina Marques Lebrege
Ruth Helena Cristo Almeida

DOI 10.22533/at.ed.63420071010

CAPÍTULO 11	129
UMA EXPERIÊNCIA DE PSICOLOGIA ESCOLAR COM JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	
Luiz Felipe Viana Cardoso Dener Luiz da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63420071011	
CAPÍTULO 12	142
REFLEXÕES SOBRE O ERRO CONSTRUTIVISTA NA TRANSIÇÃO DA ARITMÉTICA À ÁLGEBRA	
Diniz Antonio de Sena Bastos Lucas Sousa Santos Lilian de Nazaré Menezes Fortes Elias Lopes da Silva Junior Luzia Beatriz Rodrigues Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.63420071012	
CAPÍTULO 13	155
APLICAÇÃO DAS PROVAS PIAGETIANAS PARA AVALIAÇÃO DO PROCESSO COGNITIVO DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR	
Juliana Maria Barbosa Adriano de Souza Alves	
DOI 10.22533/at.ed.63420071013	
CAPÍTULO 14	165
A MEDIAÇÃO COMO RECURSO NÃO MEDICALIZANTE NA SUPERAÇÃO DE IMPASSES EDUCACIONAIS: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM EXISTENCIALISTA	
Marcelo Peres Geremias Sandra Regina de Barros de Souza Leonardo José Paiva dos Santos Williams Ferreira Portela Pablo Michel Barcelos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.63420071014	
CAPÍTULO 15	173
SEMILIBERDADE E INCLUSÃO: UM DESAFIO SOCIAL	
Fernanda Martins Teotonio Ana Beatriz dos Anjos Silva Eduardo Marck Cleverton Santos Fabiano Santos Lima Kathllen Kendra Rocha Silva Willionara Dias de Souza. Jamilé Santana Teles Lima Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.63420071015	

CAPÍTULO 16	181
SÍNDROME DE BURNOUT E ATIVIDADE FÍSICA EM PROFESSORES DA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EMBLEMÁTICA “GONZÁLEZ VIGIL” HUANTA EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19	
Oscar Gutiérrez Huamani	
Delia Anaya Anaya	
Jessica Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.63420071016	
CAPÍTULO 17	194
ESTADOS DE ANSIEDADE EM AMBIENTE DE SIMULAÇÃO: UM ESTUDO COM PSICÓLOGAS EM FORMAÇÃO	
Carini Rebouças Chaves Sampaio	
Cíntia Reis Pinto Neves	
DOI 10.22533/at.ed.63420071017	
CAPÍTULO 18	207
ORTOREXIA NERVOSA: FATORES QUE INFLUENCIAM O SURGIMENTO DO TRANSTORNO EM ADULTOS	
Amanda Frazon Costa	
David Marconi Polonio	
DOI 10.22533/at.ed.63420071018	
CAPÍTULO 19	223
NÃO-PERTENÇA: UMA DEFINIÇÃO PSICOSSOCIAL	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
DOI 10.22533/at.ed.63420071019	
CAPÍTULO 20	234
DESAFIOS DA GRADUAÇÃO: ATENÇÃO AOS CUIDADOS À SAÚDE FÍSICA E MENTAL DO ALUNO UNIVERSITÁRIO	
Jenaina de Fatima dos Santos	
Priscila Abreu de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.63420071020	
SOBRE O ORGANIZADOR	252
ÍNDICE REMISSIVO	253

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 02/07/2020

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR)

Ribeirão Preto – São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: O presente artigo tematiza o sentimento de não-pertença, ou seja, de inadequação experienciado pelo indivíduo moderno. Assim, tal sentimento compõe nosso objeto de estudo. Desse modo, objetivamos definir a não-pertença, e fazemo-lo por meio de afirmações sobre estudos hegelianos do sociólogo alemão Axel Honneth, da definição de identidade e pertencimento de Zygmunt Bauman, da hierarquia das necessidades humanas do psicólogo Abraham Maslow e, principalmente, da psicologia social de George H. Mead. Além disso, propomos uma relação entre nossa definição de não-pertença e a atitude contemporânea do filósofo italiano Giorgio Agamben. Destarte, concluímos que a não-pertença, além de possuir cunho histórico-político e estar relacionada à modernidade líquida, é o sentimento fruto do desequilíbrio entre as fases do *self*. Tal desequilíbrio figura o oposto da atitude contemporânea de lucidez sobre frente o próprio tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Não-pertença, *self*, psicologia social, identidade, contemporaneidade.

THE SENSE OF NOT BELONGING: A PSYCHOSOCIAL DEFINITION

ABSTRACT: This paper addresses the sense of not belonging, that is, of inadequacy experienced by the modern individual. Thus, such feeling makes up our object of study. Thus, we aim to define sense of not belonging, and we do so through statements about Hegelian studies by the German sociologist Axel Honneth, the definition of identity and belonging of Zygmunt Bauman, the hierarchy of human needs of the psychologist Abraham Maslow and, mainly, of the social psychology of George H. Mead. In addition, we propose a relationship between our definition of the sense of not belonging and the contemporary attitude of the Italian philosopher Giorgio Agamben. Thus, we conclude that the sense of not belonging, in addition to having a historical-political nature and being related to liquid modernity, is the feeling resulting from the imbalance between the phases of the self. Such an imbalance is the opposite of the contemporary attitude of lucidity over time itself.

KEYWORDS: The sense of not belonging, self, social Psychology, identity, contemporaneity.

1 | INTRODUÇÃO

O sentimento de não-pertença é o tema do presente artigo. Para defini-lo, embasamos na psicologia social de George H. Mead, organizada por Charles W. Morris no volume *Mente, self e sociedade* (2010) a partir de anotações dos alunos de Mead, da Universidade de Chicago, onde lecionou de 1901 a 1931.

Chegamos à teoria de Mead por meio das considerações de Axel Honneth, em *Luta por reconhecimento* (2003), em que ele afirma ser a teoria de Mead a melhor atualização do estudo hegeliano sobre a necessidade de reconhecimento intersubjetivo. Desse modo, a não-pertença, apesar de não mencionada diretamente por Mead, é definida por nós como o resultado do desequilíbrio entre as fases do *self* que ele propõe, sendo esse último o processo no qual a personalidade do indivíduo se desenvolve. Além dela, também utilizamos como baliza teórica para a definição a teoria da motivação humana do psicólogo humanista Abraham Maslow (1987), primeiramente publicada em 1943, e os conceitos de identidade e pertencimento de Zygmunt Bauman (2005), publicados inicialmente em 2004. Ao fim, relacionamos a não-pertença por nós definida à atitude contemporânea elucidada por Giorgio Agamben (2009).

2 | A NÃO-PERTENÇA HISTÓRICO-POLÍTICA

Inicialmente, cabe expor o significado do termo não-pertença segundo o *Novo dicionário da Língua Portuguesa* (1986). Pela ausência da expressão, recorreremos à “pertencente”, vocábulo que mais se aproxima da ideia de pertença que propomos: “1 que pertence; que é propriedade de: *Alguns objetos pertencentes a ele teriam sido levados.* 2 que faz parte de; membro: *Certos elementos pertencentes à guarda pessoal haviam tido tempo de alertar o patrão.*” (FERREIRA, 1986, p. 1065). Utilizamos o segundo significado do adjetivo para definir a não-pertença a que nos referimos: ela consiste no sentimento experienciado pelo indivíduo que não se sente parte do meio em que está inserido.

Tendo esse significado do termo em mente, cabe destacar as proposições do historiador e sociólogo Zygmunt Bauman sobre a diferença entre as ideias de identidade e pertencimento em *Identidade* (2005), publicado inicialmente em 2004. A proposição-chave do autor é que a identidade é uma busca que surge com a crise do pertencimento: “A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia.” (BAUMAN, 2005, p. 26, grifos do autor). Nesse sentido, enquanto as pessoas buscarem pertencer a uma comunidade a todo custo, elas não vão se questionar sobre a própria identidade porque esse questionamento só surge quando o pertencimento lhes é negado. O autor explica a ideia com exemplos de sua própria biografia:

Não me recordo de dar muita atenção à questão da minha “identidade”, pelo menos do ponto de vista da nacionalidade, antes do brutal despertar de março de 1968, quando o meu polonesismo foi publicamente posto em dúvida. [...] desde março de 1968, o que todos esperavam de mim, e ainda esperam, é que eu me autodefinia, e que eu tenha uma visão ponderada, cuidadosamente equilibrada e ardentemente defendida da minha identidade. Por quê? Porque, uma vez tendo sido obrigado a me mudar, expulso de algum

lugar que pudesse passar pelo meu “*habitat* natural”, não haveria um espaço a que pudessem considerar-me ajustado, como dizem, cem por cento. Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – “deslocado”. (BAUMAN, 2005, p. 18).

A expulsão da Polônia sofrida pelo autor marcou sua história para sempre e fez com que ele experienciasse a sensação de estar sempre deslocado, situação que o faz perseguir a ideia da própria identidade. Todavia, cabe salientar que o autor não restringe essa crise do pertencimento – sobretudo nacional – àqueles que, como ele, foram expulsos de sua terra natal:

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. [...] a maioria tem problemas em resolver [...] a consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo. (BAUMAN, 2005, p. 18-19).

Desse modo, Bauman afirma que a crise do pertencimento é uma consequência da modernidade líquida. A busca da identidade não se restringe aos refugiados: ela é experienciada por todos no momento histórico em que vivemos. Tal crise tem consequências diretas na experiência do indivíduo:

Estar totalmente ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum [...] pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. [...] Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar totalmente e plenamente em casa. Pode-se reclamar de todos esses desconfortos e, em desespero, buscar a redenção, ou pelo menos o descanso, num sonho de pertencimento. (BAUMAN, 2005, p. 19-20).

Assim, a busca pelo pertencimento surge com a crise desse conceito relativo à comunidade, ou seja, a uma identidade nacional.

3 | A NÃO-PERTENÇA COMO DESCONFORTO INERENTE AO INDIVÍDUO

Nesse sentido, é possível inferir que a não-pertença é um desconforto latente no contexto histórico em que vivemos e sua tematização na literatura nada mais é do que consequência disso. Assim, o indivíduo moderno sente-se como a escritora Dulce Maria Cardoso afirma em *Rosas* (2017): “Entre a atracção de perder-me num todo vibrante e o orgulho de agarrar-me a uma ideia qualquer de individualidade, hesito. Não me sinto pertença de nada. Nem sequer de mim.” No trecho, o narrador afirma hesitar entre a individualidade e a busca de pertencimento: o dilema da modernidade. A mesma escritora menciona a não-pertença em entrevista (2014), quando aborda sua infância e adolescência:

[...] foi uma aprendizagem de coisas que talvez devesse ter aprendido mais tarde: a não pertença, a injustiça... [...] apesar do nosso instinto da pertença, não há mal nenhum em não pertencer. E é uma triagem, passa-se a pertencer

aos certos. Não é pertencer à mesma profissão, é gostar das mesmas coisas e partilhar um ponto de vista moral. Acho que as amizades, os livros, têm a ver com o que nos divertimos com aquela pessoa ou livro e o que partilhamos em termos éticos. Não era por pertencer àquela escola que devia ser amiga deles, se calhar pertencia ao grupo de junkies da outra escola, que já tinham reprovado mil anos.

Dentre as afirmações da escritora, destaquemos o “nosso instinto da pertença”: ele se aproxima, ao nosso ver, da necessidade de pertencimento presente na hierarquia de necessidades básicas de Maslow, proposta em *Motivation and personality* (1987), mais especificamente no capítulo “A theory of Human Motivation” (1987, p. 15). Sua teoria foi publicada inicialmente em um artigo homônimo ao capítulo, em 1943. Nesse estudo, a proposição de Maslow é de que as necessidades humanas se dividem em cinco aspectos organizados hierarquicamente: necessidades fisiológicas, de segurança, de amor e pertencimento, de estima e de realização pessoal. Segundo a teoria, uma vez satisfeita a necessidade primária (fisiológica), o ser busca a próxima na hierarquia, ou seja, a de segurança, e assim sucessivamente (MASLOW, 1987, p. 17). Sobre a terceira necessidade (de amor e pertencimento), Maslow (1987, p. 20-21) afirma:

If both the physiological and the safety needs are fairly well gratified, then there will emerge the love and affection and belongingness needs, and the whole cycle already described will repeat itself with this new center. The love needs involve giving and receiving affection. [...] Such a person will hunger for relations with people in general – for a place in the group or family – and he will strive with great intensity to achieve this goal.¹

Na tese defendida por Maslow, a necessidade de pertencimento é mencionada como uma das necessidades básicas do ser humano, as quais influenciam diretamente em seu comportamento. Para mais, o autor também cita a busca do indivíduo do lugar em seu grupo, a qual também interpretamos como a busca por pertencimento. Nesse sentido, o papel social em relação à necessidade de pertencimento também é referido por Maslow (1987, p. 20-21):

Any good society must satisfy this need, one way or another, if it is to survive and be healthy. In our society the thwarting of these needs is the most commonly found core in cases of maladjustment and more severe pathology. [...] Practically all theorists of psychopathology have stressed thwarting of the love needs as basic in the Picture of maladjustment.²

1. Se as necessidades fisiológica e de segurança estão garantidas, as necessidades de amor, afeto e pertencimento emergirão e todo o ciclo já descrito se repetirá com esse novo centro. As necessidades do amor envolvem dá-lo e recebê-lo. [...] Esta pessoa vai almejar relações com as pessoas em geral – por um espaço no grupo ou família – e ela vai buscar intensamente atingir esse objetivo. (tradução minha).

2. Toda boa sociedade deve satisfazer essa necessidade de uma forma ou de outra se ela é necessária para sobreviver e viver de maneira saudável. Na nossa sociedade, a frustração dessas necessidades é mais comumente encontrada em casos de desajustamento e mais severa patologia. [...] Praticamente, todos os teóricos de psicopatologia têm enfatizado a frustração dessas necessidades do amor como muito básica na figura do desajustamento. (tradução minha).

Dessa maneira, o instinto de pertença mencionado pela escritora é considerado não só como uma das necessidades básicas do ser humano pelo psicólogo humanista, mas também como algo que deve ser suprido pela sociedade a fim de não só sobrevivermos, mas também vivermos de maneira saudável. Quando o autor menciona “*maladjustment*”, literalmente traduzido como “desajustamento”, interpretamos como um conceito similar ao de não-pertença. De acordo com ele, no caso de desajustamento, o indivíduo tem as necessidades de amor e/ou afeto salientadas, como ocorre no caso de psicopatologias. Nesse sentido, a não-pertença agravaria a necessidade de amor e afeto do indivíduo.

4 | O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DO INDIVÍDUO: UMA DEFINIÇÃO PSICOSSOCIAL DE NÃO-PERTENÇA

Do mesmo modo, o instinto da pertença mencionado pela escritora também pode ser relacionado à necessidade de reconhecimento intersubjetivo da própria identidade, estudada por Hegel. Buscando atualizar a teoria hegeliana, o filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth (2003, p. 125) propõe, em *Luta por reconhecimento*, o seguinte:

Em nenhuma outra teoria, a ideia de que os sujeitos humanos devem sua identidade à experiência de um reconhecimento intersubjetivo foi desenvolvida de maneira tão conseqüente sob os pressupostos conceituais naturalistas como na psicologia social de George Hebert Mead; seus escritos contêm até hoje os meios mais apropriados para reconstruir as intuições da teoria da intersubjetividade do jovem Hegel num quadro teórico pós-metafísico.

Partindo do trecho citado, destaquemos, inicialmente, que a aspiração ao reconhecimento intersubjetivo do indivíduo é inerente à vida social para Hegel, na apresentação de Honneth (2003, p. 29). O pertencimento é, justamente, o sentimento resultante do reconhecimento intersubjetivo. Da ausência desse reconhecimento surge a não-pertença: ela advém, pois, de um embate entre o sujeito e a sociedade. Esse é o conflito moral, resultado do atrito interno – discrepância entre o “eu” e o “mim” –, segundo Mead (*apud* Honneth, 2003, p. 141).

Nesse sentido, a psicologia social do filósofo norte-americano George H. Mead revela-se viável para investigarmos a origem da não-pertença experienciada pelo indivíduo. Para tanto, utilizamos como base “O self”, presente em *Mente, self e sociedade*³ (MORRIS, 2010, p. 151).

Em primeiro lugar, o *self*, de acordo com Mead (2010, p. 151), é o processo social em que a personalidade do sujeito se desenvolve. Não é o organismo fisiológico em si, não está presente desde o nascimento. É a mente autoconsciente que se desenvolve no sujeito a partir das suas experiências e atividades sociais, ou seja, de sua relação com o processo social e os demais membros da sociedade nele envolvidos. O *self* é o processo

3. Volume organizado por Charles W. Morris que apresenta uma compilação das aulas de Mead, lecionadas na Universidade de Chicago de 1901 a 1931, feita a partir de anotações de seus alunos.

de interação entre o indivíduo e os outros, realizando-se na conduta do sujeito, no diálogo entre as suas fases, sendo elas o “eu” e o “mim”.

Nesse sentido, em síntese, o “eu” é a fase do *self* que constitui o que há de peculiar no indivíduo: impulsos, desejos, características únicas, sua essência. Ele é moldado para as interações sociais pelo “mim”, que é a internalização dos valores, expectativas e atitudes da sociedade em que o sujeito está inserido. Por sua vez, o “mim” é a fase do *self* constituída pela internalização das atitudes do “outro generalizado”, ou seja, as atitudes da comunidade inteira. Esse “outro generalizado” constitui a resposta comum e a atitude organizada quanto às instituições de uma sociedade. Essas instituições são assimiladas pelo sujeito em sua conduta, e são essas assimilações e o pertencimento à comunidade que possibilitam-no ser uma personalidade. Desse modo, através desse “outro generalizado”, a comunidade influencia largamente o comportamento dos indivíduos. Assim, o *self* se desenvolve por completo na medida em que se torna um reflexo individual dos padrões comportamentais de uma sociedade ou grupo.

Destarte, em segundo lugar, de acordo com Mead (2010, p.186), a sociedade modifica o indivíduo a partir da internalização que ocorre nele do conjunto de atitudes comuns a todos, enquanto ele a modifica nas interações das quais participa. Assim sendo, o *self* decorre desse processo de reflexão, como afirma Mead (2010, p. 189): “é o processo social de influenciar os outros no ato social e, então, assumir a atitude despertada nos outros por esse estímulo, reagindo em seguida à resposta deles, que constitui o *self*.” Dessa forma, o *self* se constitui no processo de interação social. Além disso, a promoção de modificações na comunidade se dá através do diálogo presente na interação social: contestação e mudança de valores morais, costumes e comportamentos. Essa mudança é contínua e deve-se à capacidade humana de racionalizar e, a partir dela, o emissor utiliza o “mim” para direcionar o “eu” de acordo com seus objetivos com relação à reação do interlocutor.

Ademais, a partir da autonomia e unidade do “eu”, o indivíduo não é apenas ajustado aos demais membros da sociedade e ao “outro generalizado”, internalizado por ele em “mim”: ele é capaz de exercer mudanças no processo social com suas atitudes, modificando os outros e a comunidade a que pertence. Todavia, cabe salientar que um único indivíduo não reorganiza uma configuração social inteira (MEAD, 2010, p.197): essa mudança é um processo que ocorre lentamente, no qual o sujeito utiliza sua atitude e discurso como ferramentas de mudança, provocando situações diferentes das usuais (MEAD, 2010, p. 221). Desse modo, as modificações da sociedade, feitas pelo indivíduo são, geralmente, imperceptíveis e lentas. Contudo, no efeito final percebe-se a diferença, alcançada através de pequenos gestos – mudanças bastante específicas – de inúmeros indivíduos que mudaram a situação – uma moral, conceito ou ideia coletivos. Nesse aspecto, um exemplo que podemos pensar da proposição de Mead (2010, p. 221) é a conquista feminina pela igualdade de direitos, que vem acontecendo aos poucos no ocidente, mais

precisamente desde o movimento feminista do século XX. Logo, a ideia do indivíduo está na sua resposta à exigência social, e a sua mente é justamente o diálogo, cuja ferramenta é a linguagem, entre a adoção das ideias comunitárias e as suas respostas a elas. Assim sendo, a resposta do sujeito à situação social pode ser crítica ou de endosso. Portanto, a relação que o indivíduo estabelece com a sociedade é de mudança mútua: ela o modifica através dos parâmetros internalizados pelo “mim” e ele a modifica pela resposta inédita do “eu” (MEAD, 2010, p. 186).

Dessa maneira, em terceiro lugar, no processo social, a comunicação é muito importante, pois possibilita que o sujeito se torne seu próprio objeto quando ele não se dirige apenas ao outro, mas também a si próprio. Quando responde a si mesmo e não apenas ao outro, torna-se seu próprio objeto. Assim sendo, a linguagem tem um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade, pois é através do gesto vocal que o indivíduo desperta em si a atitude que elicia nos demais, compondo o aperfeiçoamento do *self*, processo do qual a personalidade surge. Nesse sentido, cabe destacar que, segundo Mead (2010, p. 178-179), “[o]conteúdo do outro que entra na personalidade de uma pessoa é a resposta, no indivíduo, que seu gesto elicia no outro.” Logo, a linguagem é o meio que torna possível a influência da interação social sobre o indivíduo.

Destarte, em quarto lugar, a partir da linguagem surge a autoconsciência, de acordo com Mead (2010, p. 181), que constitui o processo em que o indivíduo se torna objeto para si mesmo, possibilitando o despertar em si as atitudes eliciadas no outro.

Ademais, a autoconsciência torna a experiência de si possível, pois o sujeito autoconsciente estabelece um diálogo consigo mesmo, ou seja, o pensamento. Vale destacar, ainda, que, para Mead (2010, p.187), a autoconsciência difere da consciência: a primeira se refere a se reconhecer como objeto, a segunda, por sua vez, é a experiência de determinadas sensações, como prazer ou dor. Porém, conteúdos conscientes possuem, também, certa autoconsciência, pois a dor ou o prazer pertence a alguém. Nesse sentido, através da dissociação de experiências ocorridas quando o indivíduo prende sua atenção a outra coisa que não sua dor, tira o controle dela sobre ele, e essa experiência não se aplica apenas à dor: pode se referir, por exemplo, a ofensas dirigidas ao indivíduo por outrem. Assim, o sujeito passa a assistir a sua dor (bem como o que as ofensas despertam nele) objetivamente, ela não é mais sua, tornando-se o próprio objeto, sendo autoconsciente. Essa autoconsciência é garantida ao indivíduo pelas atitudes comuns internalizadas no “mim”, que exercem controle sobre seus impulsos intrínsecos ao “eu”.

Por fim, em quinto lugar, cabe salientar que as fases do *self* são igualmente importantes para o indivíduo, que aprende quando uma deve ser valorizada em detrimento da outra. Nesse sentido, o papel de cada fase para o sujeito é abordado nos estudos de Mead (2010, p. 218):

Ambos os aspectos do “eu” e do “mim” são essenciais ao *self* em sua mais plena expressão. A pessoa deve adotar a atitude dos outros num grupo a fim de pertencer a uma comunidade; deve empregar o mundo social externo que existe em seu íntimo a fim de dar seguimento a seus pensamentos. É por sua relação com as pessoas dessa comunidade, devido ao processo social racional em vigor nessa comunidade, que o indivíduo tem seu ser como cidadão. Por outro lado, ele está constantemente reagindo às atitudes sociais e, nesse processo cooperativo, mudando a própria comunidade à qual pertence. Essas podem ser mudanças humildes e triviais.

No trecho, percebemos a importância que cada fase do *self* possui para a interação social e consequente formação da personalidade. Desse modo, alguns indivíduos são mais “mim” e outros, mais “eu”:

Falamos de alguém que é convencional, que suas ideias são exatamente as mesmas que as de seus vizinhos, que ele dificilmente é mais do que um “mim” em quase todas as circunstâncias, que seus ajustamentos são apenas muito leves e, como dizemos, transcorrem de modo inconsciente. Em contraste com ele, há outro com uma personalidade definida, que reage à atitude organizada de maneira que faz uma diferença significativa. Nessa pessoa, é o ‘eu’ que se mostra a fase mais importante de sua experiência. (MEAD, 2010, p.218).

Assim sendo, há condutas mais pautadas no “eu” e no “mim”. É nessa proposição que nos embasamos para afirmar que há as condutas de extremo “eu” e extremo “mim”, bem como o consequente desequilíbrio entre as fases do *self*.

Nesse sentido, para definir a não-pertença, tendo como referência as proposições da psicologia social de Mead, utilizamos o termo *Era dos extremos*, proposto por Hobsbawm (1995). Destarte, propomos que há duas condutas extremas do “eu” e do “mim”, e que a não-pertença é fruto do desequilíbrio entre as fases do *self*. Assim sendo, corroboramos a afirmação de Mead (2010, p. 212):

[...] é uma questão de adotar as atitudes dos outros e de se ajustar a isso ou combater a situação. É esse reconhecimento do indivíduo como *self* no processo de usar sua autoconsciência que lhe confere ou a atitude de autoafirmação ou de devoção à comunidade.

No trecho, interpretamos as considerações sobre a primeira conduta – adotar as atitudes dos outros – como extremo “mim”, mas a segunda conduta – combater a situação – não constitui, para nós, o extremo “eu”, pois esse se exclui ao ter consigo a atitude coletiva, não havendo espaço para a combatividade social. Dessa forma, propomos que a postura combativa seria fruto do equilíbrio ideal entre as fases do *self*.

Por trás dos extremos, temos a necessidade de pertencimento inerente à vida social estudada por Hegel (*apud* HONNETH, 2003, p. 29) e Maslow (1987, p. 20). Desse modo, a prevalência do “mim” na experiência do indivíduo resulta, muitas vezes, do instinto da pertença. Nesse sentido, por exemplo, a religião é uma instituição que supre esse instinto, pois, através dela, o sujeito experimenta a sensação de pertencimento a uma

comunidade. Segundo Mead (2010, p. 237), “essa é a experiência por trás dos extremos às vezes históricos que pertencem às convenções.” Logo, há predominância do “mim” nessa conduta pela devoção a tal comunidade e pela necessidade de se ajustar a ela. Assim sendo, cremos que quando o ajuste excessivo à comunidade mutila a individualidade do sujeito, ele tem uma conduta extremada no “mim”, gerando um pertencimento forçado que reflete a real não-pertença do indivíduo.

Já a conduta extremada no “eu” resulta na sensação da não-pertença, uma vez que, levada ao extremo, a predominância do “eu” constitui uma existência que não se ajusta excessivamente à sociedade, diferente do “mim”, mas que pratica consigo a exclusão que sente da sociedade. Nesse caso, o indivíduo internaliza também as expectativas sociais, mas essas são excludentes com relação a ele, seja por pertencer a um grupo de minorias ou por apenas pensar diferente. Em resposta a isso, o indivíduo concorda em não pertencer e se exclui. Contudo, ele não deixa de assumir a atitude do outro, pois quando se exclui por se sentir excluído, a não-pertença faz com que o indivíduo aja consigo como a sociedade age com ele. Apoiamos nossa proposta do extremo “eu” em Mead (2010, p. 211):

Talvez a pessoa diga que não faz questão de se vestir de certo modo, que prefere ser diferente. Então, está adotando em sua conduta a mesma atitude que os outros demonstram em relação a si. Quando uma formiga alheia é introduzida numa comunidade com outras formas, estas se voltam contra a intrusa e a destroçam. Na comunidade humana, a atitude pode ser tomada pela própria pessoa que se recusa a se submeter porque ela mesma adota a atitude comum.

No trecho, observamos que a conduta coletiva consigo mesmo é tomada quando o indivíduo, por se sentir excluído da comunidade, faz questão de se excluir efetivamente, ou seja, ele aplica consigo a atitude coletiva em relação a ele.

Portanto, o desequilíbrio entre as fases do *self* – as condutas do extremo “eu” e do extremo “mim” – impede o indivíduo de estabelecer com a sociedade a relação de mudança mútua apresentada por Mead (2010, p. 186): o primeiro por aplicar consigo a atitude coletiva de exclusão e o segundo por mutilar a própria identidade a fim de pertencer.

51 O DESEQUILÍBRIO ENTRE AS FASES DO SELF E A ATITUDE CONTEMPORÂNEA

Também relacionamos a não-pertença ao conceito de atitude contemporânea proposto por Agamben (2009, p. 59). Para o filósofo italiano, ser contemporâneo não diz respeito a um recorte temporal, mas sim a uma atitude. Desse modo, consideramos que a atitude contemporânea é análoga ao estabelecimento de uma relação mútua de mudança entre o sujeito e a sociedade, ou seja, não ter como proposta a conduta de extremos.

Em primeiro lugar, a contemporaneidade “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa

é a relação com o tempo a que este adere através de uma dissociação e um anacronismo.” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Nesse sentido, a capacidade de apreender o próprio tempo está na habilidade que o contemporâneo possui de se descolar de sua realidade para enxergá-la, exercendo uma espécie de distanciamento crítico. Além disso, a atitude contemporânea desconexa de seu tempo está relacionada ao fato de o contemporâneo não pertencer a ele, apesar de nele viver, daí a nossa relação entre essa atitude e a não-pertença.

Em segundo lugar, contemporâneo é, também, segundo Agamben (2009, p. 62), aquele que fixa o olhar no tempo e percebe nele o escuro (rupturas e falhas do mundo caótico) ao invés da luz (suposta ordem pautada em morais e valores conservadores e questionáveis). Além disso, a relação entre o contemporâneo e a escrita está na capacidade daquele de exercê-la “mergulhando a pena nas trevas do presente.” (AGAMBEN, 2009, p. 63). Porém, os contemporâneos, para Agamben (2009, p. 65), são raros e a atitude contemporânea exige coragem para enxergar a luz na escuridão, diferindo dos que aderem perfeitamente a sua época, porque esses, por coincidirem com ela, não conseguem enxergá-la (AGAMBEN, 2009, p. 59). Por fim, ser contemporâneo significa, nas palavras de Agamben (2009, p. 66), “reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós.”

Em síntese, é contemporâneo quem tem a capacidade de descolar-se do próprio tempo, ou seja, adquirir distanciamento crítico, e de enxergar o caos do tempo presente, sendo capaz de ver a clareza, a possibilidade de mudança dentro do caos. Nesse sentido, o estabelecimento de uma relação de mudança mútua entre o sujeito e a sociedade (MEAD, 2010, p. 186) pode ser interpretada como a atitude contemporânea. Desse modo, os extremos “mim” e “eu”, ou seja, as condutas que são excessivamente constituídas por ajuste à sociedade e autoexclusão, respectivamente, podem ser relacionadas à ausência da atitude contemporânea.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, a não-pertença trata-se de um sentimento experienciado pelo indivíduo que não se sente parte do meio em que está inserido. Além disso, para a escritora Dulce Maria Cardoso, a pertença constitui um instinto humano. Nesse sentido, a não-pertença é, inicialmente, uma experiência relacionada ao tempo histórico-político em que o sujeito vive, uma vez que a crise do pertencimento a uma ideia de nação gera o questionamento acerca da nossa identidade, como propôs o historiador e sociólogo Zygmunt Bauman (2005, p. 26). Além disso, a não-pertença constitui uma necessidade intrínseca ao ser humano, compondo uma das necessidades básicas da hierarquia proposta pelo psicólogo humanista Abraham Maslow (1987, p. 20-21). Partindo da necessidade de pertencimento como intrínseca ao ser humano e da afirmação sobre a pertença da escritora portuguesa contemporânea, chegamos à necessidade de reconhecimento intersubjetivo

estudada por Hegel, cuja atualização do estudo, segundo o sociólogo alemão Axel Honneth (2003, p. 125), é desenvolvida pelo psicólogo social George H. Mead (2010, p. 151). Nesse sentido, utilizando a teoria de Mead como baliza teórica, propomos como definição de não-pertença o sentimento resultante do desequilíbrio entre as fases do *self*, processo social no qual a personalidade se desenvolve. Desse modo, o indivíduo assume as condutas do extremo “eu” ou extremo “mim”, não estabelecendo uma relação de mudança mútua com a sociedade e, como consequência, experienciando a não-pertença.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARDOSO, D. M. Entrevista a Vanda Marques. O amor é o mais benigno de todos os poderes. Entrevista. **Jornal i**. 17 mar 2014. Disponível em: <<http://ionline.sapo.pt/383051>>. Acesso em: 7 de agosto de 2016.

_____. **Rosas**. Lisboa: Douda Correia, 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. New York: Harper Collins Publishers, 1987.

MORRIS, C. W. (Org.) **Mente, self e sociedade**. Trad. Maria Sílvia Mourão. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Centrada na Pessoa 129, 130, 131, 140, 141, 254

Adolescência 4, 36, 94, 104, 112, 115, 118, 119, 120, 121, 123, 127, 203, 222, 225, 254

Álgebra 142, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 254

Alienação Parental 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 254

Alimentação Saudável 207, 212, 217, 218, 254

Anorexia Nervosa 1, 2, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 208, 209, 219, 220, 254

Aprendizagem 8, 25, 56, 62, 64, 69, 71, 72, 106, 107, 110, 114, 115, 127, 131, 134, 135, 136, 142, 143, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 163, 165, 166, 168, 171, 183, 194, 206, 225, 234, 235, 238, 248, 254

atividade física 181, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 254

Atividade Física 181, 184, 254

C

Cardiopatía 74, 75, 79, 80, 82, 254

Centro de Atenção Psicossocial 84, 88, 90, 102, 103, 104, 254

Cognição 106, 114, 142, 157, 254

Comportamento 51, 52, 64, 65, 72, 99, 207, 221, 222, 254

Comportamento Alimentar 1, 2, 9, 207, 208, 211, 213, 222, 254

Contemporaneidade 11, 223, 231, 254

COVID-19 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 192, 254

Criança 1, 6, 7, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 79, 82, 95, 98, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 121, 123, 126, 127, 128, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 168, 170, 171, 174, 179, 180, 254

Cultura 25, 31, 33, 102, 125, 134, 139, 151, 152, 153, 166, 203, 208, 209, 254

D

Desenvolvimento Infantil 35, 41, 42, 43, 163, 254

Dificuldade de Aprendizagem 127, 136, 155, 254

E

Educação 23, 24, 33, 34, 73, 84, 87, 96, 101, 102, 114, 129, 130, 133, 137, 139, 141, 153, 154, 165, 168, 172, 180, 181, 193, 237, 246, 252, 254

Educação Infantil 24, 73, 105, 106, 112, 114, 115, 140, 252, 254

Educação para Jovens e Adultos 133, 254

Ensino 24, 25, 31, 55, 63, 70, 93, 102, 105, 107, 110, 130, 133, 135, 139, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 165, 169, 171, 172, 181, 182, 183, 184, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 204, 205, 206, 214, 234, 235, 236, 237, 238, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 254

Estatuto da Criança e do Adolescente 13, 15, 16, 19, 21, 174, 179, 180, 254

Estresse 35, 39, 54, 60, 75, 76, 254

Estresse Infantil 47, 57, 254

Existencialismo 254

I

Identidade 9, 10, 96, 104, 108, 120, 121, 122, 130, 134, 139, 140, 141, 145, 159, 175, 176, 223, 224, 225, 227, 231, 232, 233, 254

Infância 4, 6, 23, 24, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 79, 93, 99, 101, 104, 106, 107, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 155, 170, 174, 209, 225, 254

L

Linguagem 8, 10, 40, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 125, 127, 143, 144, 146, 147, 151, 154, 158, 177, 201, 229, 254

M

Medicalização 92, 165, 166, 167, 168, 172, 254

O

Ortorexia 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 254

P

Processos Psicológicos 105, 106, 254

Psicanálise 2, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 18, 19, 118, 127, 128, 252, 254

Psicologia 2, 13, 23, 24, 33, 59, 60, 64, 72, 101, 102, 104, 112, 114, 115, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 165, 167, 169, 172, 174, 179, 192, 194, 206, 207, 218, 234, 236, 237, 245, 246, 249, 251, 252, 254

Psicologia Escolar 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 155, 234, 238, 252, 254

Psicologia Humanista 129, 131, 132, 254

Psicologia Social 140, 223, 227, 230, 254

Psicomotricidade 62, 63, 68, 69, 73, 254

Psiquiatria Educacional 254

R

Representações Sociais 23, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 93, 102, 180, 254

S

Saúde 59, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 84, 87, 93, 96, 101, 102, 103, 104, 118, 163, 172, 173, 176, 181, 182, 183, 208, 209, 221, 222, 234, 236, 249, 250, 251, 252, 254

Saúde Mental 16, 18, 37, 58, 75, 76, 79, 80, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 120, 173, 176, 181, 182, 183, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 254

Separação 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 20, 36, 79, 254

Síndrome 9, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 52, 53, 64, 65, 74, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 217, 254

T

Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade 254

Transtorno do Espectro Autista 62, 63, 64, 65, 70, 71, 99, 254

Transtornos Alimentares 2, 11, 207, 208, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 254

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 